

Bilinguarudos de Quenborí

de Sabrina Gledhill

Meus irmãos começaram a vida com duas línguas. Na verdade, nasceram com uma só e as segundas apareceram alguns anos depois, quando começaram a falar. O leitor poderia achar que este dom lhes atrapalharia a fala, mas aconteceu o contrário. De fato, eles usavam uma de cada vez, dependendo do ouvinte, mas quando estavam entre seus semelhantes – os bilinguarudos – tratavam de utilizá-las simultaneamente, com resultados bárbaros.

Comigo foi diferente, tal vez porque eu não nasci na ilha mágica de Quenborí. Cheguei com 18 meses, o que deu tempo para crescer uma segunda língua pouco depois que a primeira já estava falando. Nunca cheguei a utilizar as duas com a mesma desenvoltura que meus irmãos, mas atingi um nível de habilidade tamanho que parecia ser uma bilinguaruda nata.

Os quenborinhos, o povo da ilha onde cresci e onde meus irmãos nasceram, têm duas e até tres línguas. Os trilinguarudos moram na cordilheira central – a terceira língua emite sons que apenas os antigos donos da terra, já extintos, poderiam entender. Quanto mais próximos à dita civilização eles chegavam, mais iam perdendo as línguas até ficar com uma só, a mesma dos novos donos da ilha, os quinhanques.

A minha família não era nem quenborinho ni quinhanque. Morávamos num bairro mixto, onde tinha muita gente nativa e de fora também. Os quinhanques ficavam todos aglomerados e isolados em seu próprio distrito, como nem num gueto, só que estavam lá por livre e espontânea vontade. Como minha primeira língua era quase a mesma dos quinhanques, e meus pais sabiam que iríamos morar na terra deles um dia, eu e meus irmãos estudávamos em suas escolas monolinguarudas.

Mesmo assim, tivemos várias oportunidades de usar a nossa segunda língua, a mesma dos quenborinhos: em casa, com a empregada, com os vizinhos, nas lojas com comerciantes e vendedores, e na sorveteria, com os balconistas. Enfim, a utilizávamos em todo e qualquer lugar, menos com nossos pais e na escola. Tanto é que éramos todos bilinguarudos de primeira qualidade, e podíamos circular em qualquer lugar da ilha.

Talvez por despeito, os ‘monos’ quinhanques viviam fazendo gozação. De mim, mas não de meus irmãos, que eram bons de briga. Dançavam em rodas em torno de mim, fazendo chacota de meu sotaque. De tanta raiva que me dava, passei a fingir que falava como eles, e minha primeira língua se dividiu em duas. A nova só funcionava na presença de quinhanques e continua assim até hoje.

Passamos quase 10 anos na ilha, mas um dia nossos pais avisaram que teríamos que ir morar no país dos quinhanques. Minha mãe confessou que estava contente com a mudança. Queria tirar a gente da ilha, e a segunda língua da gente, porque era de quinta categoria. Eu discordava, mas fiquei calada, obstinada como só uma menina de 11 anos sabe ser. Meus irmãozinhos, coitados, eram menores, e a ratazana da dúvida começava a roer.

Quando chegamos no continente, qual não foi a nossa surpresa, continuamos bilinguarudos! Mas, por algum motivo, todos nos olhavam com nojo. Onde quer que a gente passava, parecia que iam chamar um exterminador. Até nossa vizinha, informada pelo corretor que uma família inteira de quenboricuas iria se instalar na casa do lado, ergueu um alambrado enfeitado com arame farpado e disfarçado com arbustos e cipós.

Logo logo, meus pais desfizeram o engano – foi apenas uma brincadeira de mau gosto – mas eles mesmos começavam a olhar para seus próprios filhos de outra maneira. De repente, tudo que fazíamos carregava o ranço e o rastro do mal de Quenborí. O pior, naturalmente, era aquela segunda língua que nos colocava na categoria descrita assim pelo Aurélio: “Verbete: barata 1. Ortóptero onívoro, da ordem dos blatários, de corpo achatado e oval, que põe ovos em ootecas. Pode ser silvestre ou doméstico, e tem hábitos noturnos.” Em inglês, “cockroach”, vulgo “roach”. Em castelhano, “cucaracha”.

Existe a barata-cascuda, a barata d’água, a barata-da-praia, a barata-do-coqueiro ou de palmeira, a barata-de-igreja ou de sacristia, a barata-do-fígado, a barata-do-mato (que não deve ser confundido com o bicho-do-mato), a barata-noiva, a barata-nua, a barata-oriental e a barata germânica. Também há outro tipo, mui cantado por pagodeiros, mas este não vem ao caso... Eu e meus irmãos formamos uma nova categoria, criada especialmente pelos quinhanquis para os moradores de nossa ilha – a da barata quenboricua!

Quais são as reações das pessoas quando vêem uma barata de qualquer estirpe? Sentem nojo, gritam, correm, pegam num chinelo, ou no detefon. Chamam o dedetizador, saem de casa e ficam num hotel até o fim do massacre. Voltam para contar os corpos e respirarem aliviados até a próxima leva os expulsa de novo.

No nosso caso, a reação foi mais sutil. Os colegas e vizinhos fizeram caras de nojo e nos deram as costas. O repúdio tornou nosso primeiro verão na terra dos quinhanque uma verdadeira tortura de solidão. O ser humano, tanto quanto a barata, é um ser social. Não existe castigo mais cruel que o ostracismo. Sofremos.

Meus irmãos, pequenos, mais novos e fracos, não resistiram. Queriam ser como os outros, serem aceitos pela turma, se integrar. Como não havia sangue quenborinho nas suas veias, eles tinham opção e optaram pela solução mais fácil e mais dolorosa – uma dor que dura a vida toda. Arrancaram a língua que falava quenborinho e se tornaram baratas descascadas, ou seja, “gente”, iguaizinhos aos quinhanques.

A minha saída foi outra, menos fácil, mais subversiva – tratei de afiar minha língua quinhanque, me vesti com pele de quinhanque, mas continuo uma barata, na alma e no coração. Minha segunda língua ficou, a tenho até hoje, um pouco enfraquecida por falta de uso, mas continua aí. E graças a ela, posso conviver com outros irmãos bilinguarudos de todo o planeta. Ser barata quenboricua é um barato!